

O Amanuense Belmiro: um caminho alternativo

Keila Mara Sant'Ana Málaque

Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista

kmlaque@yahoo.com

Abstract. *In this paper, we reflect about consolidated vision of O Amanuense Belmiro as “intimist novel”, questioning if this tendency to unilateral classification would not had deprived this work for decades of other kind of considerations. It’s possible to note similarities between this work and the tradicional novel of 1930 - the social novel. Besides, the reading of Cyro’s letters and crônicas apointts to the fact that the Minas writer was not alienated from his decade problems. With his first novel, Cyro presents another alternative of intellectual posture facing his time problems, that has not necessarily to do with the alienation and escapism attributes.*

Keywords : *O amanuense Belmiro; Cyro dos Anjos; intimist novel; 30ies novel.*

Resumo. *Nesse trabalho, refletimos sobre a visão consolidada de O Amanuense Belmiro como “romance intimista”, questionando se a tendência à classificação unilateral não teria privado a obra, por décadas, de uma outra ordem de considerações. Por um lado, é possível entrever similaridades entre essa obra e o tradicional romance de 30 – o romance social. Por outro, a leitura de cartas e crônicas de Cyro aponta para o fato de que o escritor mineiro não era alienado dos problemas de sua época. Com seu primeiro romance, Cyro apresenta uma outra alternativa de posicionamento do intelectual frente às questões de seu tempo que não passa, necessariamente, pelos atributos da alienação e do escapismo.*

Palavras chaves : *O amanuense Belmiro; Cyro dos Anjos; romance intimista; romance de 30.*

Pela leitura de historiadores da Literatura Brasileira ou de críticos preocupados em filiar *O amanuense Belmiro* a alguma tendência, linha ou tradição literária, observa-se, em dados momentos, a dificuldade no enquadramento da obra e seu autor. É o caso da afirmação abaixo de João Luiz Lafetá:

É fato que a década de 30 deu-nos algumas das obras mais realizadas e alguns dos escritores mais importantes da literatura brasileira ...; na prosa de ficção o romance social de José Lins do

Rego, Jorge Amado e Raquel de Queiroz, o ponto alto atingido por Graciliano Ramos, *a direção diferente* de Cyro dos Anjos (1974, p.20, grifo nosso).

Apontando, por um lado, para as práticas literárias correntes na década de 30 - o romance de denúncia, o ensaio histórico/sociológico, a poesia militante, o romance subjetivo – a obra de Cyro dos Anjos é colocada, por Lafetá, como divergente dessas práticas. Um livro quase solitário dentro daquele contexto. A mesma dificuldade de classificação é observável na colocação de Luiz Washington, que o definiu como “um livro isolado, estranho”. (1945)

Outros críticos reconheceram a tarefa arriscada e complexa que é classificar um livro, ainda mais quando foge aos modelos usuais do tempo, e ficaram na expectativa de uma nova obra para melhor situar seu autor. As outras obras vieram - *Abdias*, *Montanha*, *Memórias do Sobrado* - e *O amanuense Belmiro* acabou por cristalizar-se como “romance intimista”.

O objetivo do presente trabalho, longe de efetuar uma polarização em sentido contrário, é pensar se essa tendência à visão unilateral não teria privado a obra, por décadas a fio, de uma outra ordem de questionamentos. Diante da afirmação reiterada de que a linha desenvolvida por Cyro dos Anjos em *O amanuense* mostra-se antitética à tendência do decênio, nosso intuito é questionar até que ponto isso acontece.

Lançamos a hipótese de que a obra em questão pode ter mais a ver com o tradicional romance de 30 do que sua cristalização como “romance introspectivo” permite imaginar. E para tanto, empenhamo-nos em levantar algumas similaridades entre *O amanuense* e a literatura social da época, trazendo à tona alguns estudiosos que se manifestaram sobre o assunto.

Vale lembrar, inicialmente, o epíteto *romancista da decadência* utilizado por Antonio Cândido em referência a José Lins do Rego, em *Brigada Ligeira*. Ali, referindo-se aos personagens de *Fogo Morto*, Cândido afirma que seus heróis são de decadência e de transição, “tipos desorganizados pelo choque entre um passado e um presente divorciado do futuro” (1992, p.61). Ora, a visualização dos diferentes planos do enredo de *O amanuense* e a observação de que há ali também uma projeto de dissolução ou falência, leva-nos a pensar que o escritor mineiro foi igualmente um *romancista da decadência*. O último capítulo do romance com o seu “a vida parou e nada mais há por escrever” parece trazer ecos do “fogo apagado”, da obra de José Lins.

De fato, não somos os primeiros a tráfegar por essa estrada. Antonio Motta do Vale já o fez em 1938, na revista *Surto*. Para esse autor, o livro de Cyro, em alguns aspectos, parece continuação dos romances cíclicos de José Lins. Ali, ele tece relação entre Carlos de Mello, de Bangüê, e Belmiro, postulando que a vida que o primeiro prefigura, no Recife, sem ímpeto criador, é a mesma vida do amanuense de Belo Horizonte, apática e abandonada à ambiência morna da burocracia. Esse aspecto de decadência em relação às origens familiares o autor ainda observa na figura de Luiz da Silva, de Graciliano Ramos, um funcionário público recalçado. A insistência dos mesmos temas em escritores tão diferentes revelaria a mesma raiz de tragédia brasileira: o drama da industrialização, da emigração urbana e da decadência do patriarcalismo

colonial. É como se pairasse, sobre o destino dos personagens, um certo *dogma de queda*.

Se a dissolução ou falência constitui-se na proposta de *O amanuense*, verificamos que ele se enquadra perfeitamente na expressão “literatura dissolvente” com que Mário de Andrade – em seu “Elegia de Abril” – cunhou as obras de trinta . Como no caso da literatura social característica da década, há n’*O amanuense* uma tendência para a “deseroização” do personagem literário, pelo tipo de herói “fracassado” que a obra propõe. No texto mencionado, Mário cita todo um rol de heróis fracassados da literatura de 30, entre eles o próprio Carlos de Mello e Luis da Silva. O detalhe interessante, porém, é que, em seu rol, o escritor deixa de incluir o protagonista Belmiro que em auto-análise, reconhece em si próprio a ausência de força, poder, vitalidade, declarando falência ao definir-se como um *fruto chocho do ramo vigoroso dos Borbas*. Esse esquecimento parece bastante sugestivo: aponta uma vez mais para a forma (deslocada) com que o romance de Cyro foi recebido em relação às outras obras da década.

O amanuense é romance em tom menor. Ainda que haja mudanças de andamento – variando de *allegro vivace* a *adagio* melancólico – a tonalidade é a mesma. Harmoniza-se ao *estado de espírito* da ficção brasileira de 30, no qual se observa um inegável pendor para os temas de infelicidade e desânimo. Suficiente para provar isso é a temática da *insolubilidade dos problemas*, que abre o romance, ligada ao pessimismo e à atitude de desânimo e passividade diante da vida. Que mais dizer sobre uma obra que se inicia com a afirmação – *todos os problemas da vida são insolúveis* e, num fechamento perfeito, a fazer coro com o início, termina com a frase interrogativa *O que faremos, Carolino amigo?*

Creemos ainda que, a leitura das crônicas que deram origem a *O amanuense*, auxiliam-nos a seguir um pouco adiante nessa reflexão. Uma questão que nos vêm à mente é: porque a escolha, no romance, por retratar o ano de 1935 se, nas crônicas, esse foi o ano menos abordado? Elas vinham sendo escritas desde 1933, mais precisamente, de abril de 1933 a abril de 1935, com intervalos. A explicação mais provável é que 1935 foi um ano marcante politicamente: foi o ano da revolução comunista. Ora, estamos portanto diante de um *autor introspectivo* que optou por ambientar seu romance em um ano de importantes acontecimentos políticos.

Uma das crônicas mais interessantes, no sentido de trazer à tona a problemática política, publicada no jornal *Estado de Minas*, de 2.9.34, é “O camarada Diogo”, indivíduo que, ao que nos parece, pode ter servido de inspiração para o personagem Redelvim - o revolucionário comunista. Pela leitura de uma das cartas de Cyro a Drummond – datada de 12.7.35 -, vimos a saber que Diogo teria sido um líder grevista. No texto do *Estado de Minas*, o cronista enfatiza a fé extrema de Diogo, que o torna capaz de ações ousadas:

É difícil hoje em dia sermos dignos sem sermos bolchevistas...o camarada Diogo não é abalado pela dúvida. Vejo-o agir como um semi-deus adolescente, vigoroso e violento. O fogo das grandes vocações brilha nos seus olhos e dá à sua palavra a dureza e o calor que as nossas palavras não têm. Amanhã poderá

morrer em uma barricada: aposto que já pensou nisso muitas vezes, e terá desejado secretamente esse epílogo. Eis o que se chama força de alma.

À força de alma e fé de Diogo se opõe a ausência de fé do próprio cronista, incapaz de bravas atitudes:

Mas, pobre de mim, sou um homem sem força espiritual, que vivo a diluir-me em cada café, ou em cada livro....A nós, românticos do século vinte, o espírito de negação....tirou uma possível bravura de atitudes. É que somos por demais inseguros acerca de nós próprios e duvidamos, não só da unidade de nossa vontade, como de que tenha ela rumos definidos.

O fecho da crônica é um pedido de desculpas ao camarada Diogo: ‘Perdoe-me Diogo, por eu ser daqueles que não crêem. Meu coração está convosco, mas meu espírito duvida’.

A carta a Drummond acima referida, na qual emerge a referência a Diogo, parece dizer-nos bastante sobre as raízes psicológicas de *O amanuense*: concluímos que as considerações tecidas na crônica acima refletiam amplamente o que, na época, era o clima espiritual do escritor mineiro:

Essa sondagemapuro em mim aquilo que sempre suspeitei existir: uma absoluta falta de fé. Falta de fé política, fé religiosa, e fé filosófica. Verifiquei que, decididamente, não acredito em nada e que será vão qualquer esforço para acreditar...Essa ausência de fé determina em mim uma invencível perplexidade.... O certo é que me falta força de espírito para crer e força de coração para agir...

E sobre Diogo:

O contato com o Diogo ilustrou-me muito nesse ponto. Quando ele tramava a greve, aqui, perguntei-lhe como tinha coragem, de lançar os operários naquela aventura que ele próprio sabia de antemão fracassada, porque a Companhia não cederia e os homens seriam postos na rua. Diogo me respondeu que seu objetivo era exatamente este. Postos na rua e aos braços da fome, eles seriam germens de futura revolução. É preciso ter uma grande fé para endurecer o coração numa aventura dessas.

A carta a Drummond finaliza-se de forma melancólica: “Não me veja à direita. Estou simplesmente à margem, sem pontos cardeais e espero que você não pense mal de minha indecisão de espírito. Seria para mim irremediável desalento.”

Essa mesma problemática - fé x dúvida - vai emergir com toda força no romance *O amanuense Belmiro* que, em alguns trechos, afigura-se-nos perpassado por uma angústia: a angústia do intelectual colocado contra a parede, pressionado para engajar-se, tomar partido, e, no entanto, sentindo-se incapaz para fazê-lo, por conta da ausência de fé. Não fosse o humor responsável pela quebra da dramaticidade, alguns trechos do romance soariam quase como um grito: um grito pelo direito à dúvida:

Por que hão de classificar os homens em categorias ou segundo doutrinas? O grande erro é pretender prendê-los a um sistema rígido. Socialismo, individualismo, isso, aquilo. As idéias da gente podem não comportar-se dentro dessas divisões arbitrárias. Não é possível ser-se tudo ao mesmo tempo? E, se sentimos que a verdade e a contradição foram semeadas em todos os campos, como poderemos definir-nos? Tudo o mais é violência ao espírito. Dizem que tal perplexidade ou tal ceticismo conduzem à inação. A prova do contrário está em mim. Atuo, no meu setor, como se acreditasse nas coisas. As necessidades vitais fazem o homem agir e não permitem que ele se torne um contemplativo puro. O que é injusto é quererem extorquir de nós uma definição quando a procuramos, em vão, sem a encontrarmos. (p.86)

Ou:

Escreverei também que não me falta simpatia humana e muito me preocupam os males do mundo. A injustiça social me dilacera a sensibilidade, mas há em mim escrúpulos de espírito e de sentimento que não aceitam radicalismos revolucionários. E há, sobretudo, uma contínua suspeita de que é desconhecer a natureza do homem pretender discipliná-lo com teorias rígidas.(p. 109)

É interessante observar que, ao final do romance, uma vez abafada a revolução, o próprio comunista Redelvim relaxa suas posições. No capítulo “Entrevista com Redelvim”, em que Belmiro descreve a conversa que teve com o amigo depois deste sair da prisão, descobrimos que sentimentos próprios de Belmiro – a dúvida e conseqüente incapacidade de ação - são atribuídos a Redelvim: “Em suma, disse-me continuar contra o Estado burguês e capitalista, mas está picado pela desconfiança e pela incerteza e se julga um elemento inapto para agir, pois não pode fazê-lo em estado de dúvida”.

O teor das considerações tecidas a seguir chegam a soar estranhas em um livro “íntimista” ou “íntrospectivo”:

Não quer cooperar para uma ação em cujas diretivas não possa influir, pois teme os erros duma ditadura. Meditara bastante sobre o conflito entre Trotsky e Stalin e perguntara a si próprio se a ação de Stalin terá um sentido apenas particular e episódico ou, pelo contrário, exprimirá uma impossibilidade de realizar-se, na íntegra, a idéia marxista. Depois de pensar maduramente, achou também que o Brasil não está suficientemente preparado e ainda não surgira a equipe que poderia organizar o pós-revolução. (p.184)

Ao final do capítulo, julgamos estar não mais diante do revolucionário Redelvim, mas do próprio Belmiro: “Por isso vai abster-se da ação e será apenas um espectador, até quando lhe convier” (p.184).

Penso que a cristalização de *O amanuense* como romance “introspectivo” pode ter-lhe privado de uma outra ordem de questionamentos. Ele aponta para um terceiro tipo de intelectual que, num período marcado por polarizações e radicalismos, acaba por ficar “debaixo do pano”: o intelectual que não é nem de esquerda e nem de direita, que duvida e, por duvidar, não toma partido. A despeito, porém, de não tomar partido, ele sugere uma alternativa para o drama social de sua época: a *solidariedade*. O espírito solidário do protagonista motiva-o a ajudar vizinhos, a lutar por manter coeso o círculo de amigos, e a se empenhar na soltura do companheiro esquerdista, apesar das palavras duras que ouve deste.

Oculto por detrás de tanta análise e introspecção, *O amanuense Belmiro* revela muito do espírito da década de 30 e também – como buscamos evidenciar – das obras de 30. Porém o faz com sutileza e talvez aí esteja um outro aspecto do “caráter estrategista” - aproveitando o rótulo cunhado por Antonio Cândido - de Cyro dos Anjos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. Elegia de Abril. In. *Aspectos da Literatura Brasileira*. S. Paulo: Martins Editora: INL, 1972, p.185-195.
- ANJOS, C. Carta a Carlos Drummond de Andrade, 12 jul. 35. Arquivo de correspondências passivas de Carlos Drummond de Andrade, Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.
- _____. *O Amanuense Belmiro*. 16 ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2001.
- BORBA, B. O Camarada Diogo. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 2.9.1934.
- CÂNDIDO, A . Um romancista da decadência. In. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp,1992. p.61-67 (Biblioteca Básica)
- LAFETÁ, J. L. M. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- VALE, A. M. Crônica do amanuense. *Surto*, jan. 1938.
- WASHINGTON, L. Cyro dos Anjos. Notas de Leitura. *Jornal de São Paulo*. S. Paulo, 21out. 45.